

****Da atividade, o que pode ainda ser dito***

Autor

Jean-Guy Jobin, M. Sc.,

Revue Québécoise d'Ergothérapie, V. 1, no. 1, p. 11-16, 1992.

Tradução

Regina Célia de Brito Jorge, TO.

Revisão: Jô Benetton, TO.

Palavras-chave

Análise de atividades, Atividade terapêutica- Intervenção em Terapia Ocupacional.

Resumo

O caminho da análise aqui apresentada tende, a princípio, a considerar a atividade como um objeto que tem sua coerência e suas características próprias (campo operacional, cadeia operacional, noção de estrutura e de conteúdo). Esse objeto, entretanto, não é independente de tudo, pelo contrário ele depende do meio ambiente, de um coletivo. Ele é determinado por uma série de fatores, (determinantes da atividade). Esse mesmo objeto no contexto terapêutico, torna-se "ferramenta" de intervenção, obedecerá a uma outra visão, será submetido a outros fatores, mas não mudará de nome, sendo que poderá guardar o seu sentido (discussão sobre a atividade terapêutica e os níveis de intervenção em terapia ocupacional).

* *Por solicitação do autor foi acrescentada a virgula no título do artigo.*

Introdução

Dizer que a atividade possui os recursos terapêuticos aplicáveis em terapia ocupacional, à tal ou qual paciente, faz supor um saber clínico, um saber quanto aos recursos terapêuticos da atividade e um saber mais geral sobre a própria atividade. Existe aqui um caminhar em três tempos, para o qual a lógica deve ser adquirida nos curso de for-

mação. Um passo que fica polarizado no sujeito da ação, sobre um quem estritamente caracterizado, seja um paciente em particular ou sejam os meios empregados, que fazem referência ao que e como da atividade.

Não se pode fazer economia do saber sobre a atividade considerada como tal. Não podemos passar diretamente à coleta dos recursos terapêuticos da atividade em resposta a tal patologia ou tal problema, como não podemos abordar de imediato a clínica crendo poder intervir com recursos imprecisos. Seguramente, as coisas assim, irão mais rápido (o tempo de formação é sempre vivido como longo e sofrido) mas isso será dentro do empirismo puro.

A intervenção pontual, "você tem tal problema, eu lhe aplico tal atividade", caminha em direção oposta à intervenção focal ou convergente, que responde a partir de um conhecimento extenso: múltiplas dimensões interligadas da atividade e diversidade de atividades humanas com o intuito de sistematizar. No espectro das atividades humanas, certas partes poderão constituir os aportes terapêuticos a partir dos quais ocorrerão escolhas, segundo as circunstâncias. É preciso selecionar uma parte do prisma ou um feixe, entre o grande cone de atividades, observando que todos os feixes convergem ao ponto de origem na base. Se de imediato, a intervenção convergente visa o ápice, isto é, a autonomia, ela fica ligada à base e é a base que tem valor de integração. Ela não tem a mesma ressonância que a intervenção pontual. Então, não significa fazer voltar as atividades no paciente, mas, fazer entrar o paciente em atividade.

O esforço da objetivação da atividade, por ser o que esta mais próximo- o que e como - não pode ser benéfico para o terapeuta ocupacional, que deverá saber tirar o melhor partido das atividades e as mais diversas. O estudo da própria atividade, se tornou uma raridade. Tende-se a deixar todo fazer para os outros, cuidar dos bebês, e se utilizar de

não informa, todavia, sobre as condições de sua realização, sobre seu contexto - o que a torna possível e a determina, o que a limita e lhe dá sentido, num determinado tempo e lugar. O possível da atividade está submetido aos fatores de diferentes ordens que podemos chamar determinantes. Levar em consideração os determinantes, tende a relativizar a maneira de considerar a atividade. Ao passo fatural da objetivação, acrescenta-se um outro passo da contextualização contendo valor crítico no sentido em que implica uma tomada de distância. Fala-se aqui, de um olhar antropológico que coloca em perspectiva as atividades de hoje em relação à aquelas de ontem, as atividades do aqui em relação àquelas de outros lugares. As atividades humanas têm também um passado. Elas não aparecem subitamente, simplesmente. O mesmo pode ser dito sobre as atividades terapêuticas, elas não foram inventadas pelo terapeuta ocupacional. Elas provêm, a maior parte, de um lote comum; elas são a herança de uma cultura, embora devam encontrar hoje seu sentido (por exemplo, a época do macramê dos anos 60 de Quebec).

O presente artigo não constitui um recenseamento de corpus, ele não visa fazer o ponto dos conhecimentos sobre a atividade com todas as referências de apoio, ele constitui antes um ensaio refletindo o estado da reflexão do autor sobre a questão. Em seguida a uma tentativa de definição, a atividade primeiro será abordada em termos técnicos (método de análise do campo e da cadeia), depois em relação às condições de sua realização (predominância dos fatores coletivos) e, finalmente em relação com a terapia, insistindo sobre a dinâmica interna da atividade e sobre seu alcance social sem fazer referência à clínica como tal.

A Atividade e as Atividades

É preciso distinguir atividade e atividades. A atividade é a manifestação do ser vivo que tende a manter, a crescer, a regenerar ou reproduzir seu ser. A atividade recupera um conjunto de funções motora, sensorial e cerebral, por uma parte, que o ser humano partilha com o animal. As atividades são as formas mais ou menos concretas sob as quais a atividade se manifesta. Elas implicam um agente, um material e um objetivo.

A demarcação não é sempre evidente entre o animal e o homem, como é o caso da utilização

das ferramentas, por exemplo. A diferença se encontra do lado do agente que dispõe de uma certa margem de liberdade, de uma criatividade que escapa ao código. Ela está também no modo de codificação. O homem constituiu uma memória lá fora. Memória coletiva lançada nos arquivos dos monumentos, dos museus, das bibliotecas, depósito transmissível de idéias e de fatos e também de coisas, tal qual as ferramentas que, ao curso das idades, se aperfeiçoam se multiplicam. O animal, só dispõe de gramas, e de uma memória biológica. Sempre em simbiose com o meio, não pode se distanciar do meio ambiente ele não chega ao pensamento abstrato ligado à funções superiores: conceitualização, memória, invenção, julgamento. O animal não tem acesso à linguagem simbólica, ele não pode se fazer presente na sua ausência, não pode se representar no mundo. Esta é a diferença entre a natureza e a cultura.

O homem manifestará sua atividade (sentido I) nas atividades (sentido II) as quais estarão de pronto sob seu domínio, num agir humano, no sentido de que elas revelarão o coletivo, serão recebidas e poderão ser transmitidas como herança, serão parte de interesse profundo de uma cultura. A atividade (II sentido) poderia assim ser definida como: *colocar em funcionamento um agente e seus instrumentos, sobre um material, através de certas regras e formas específicas de fazer, chegando a cumprir objetivos propostos.*

Esse sentido, no limite, satisfaz um agente, um material e um fim. Este último é necessário, pois, não é suficiente que haja apenas o encontro entre o agente e o material. As ferramentas e maneiras de fazer já representam além de aquisições sedimentações culturais. Mas como pensar o primeiro fazer do Homo Faber, quando o primeiro homem quis fazer os sapatos ou os crepes?

O funcionamento de um agente face ao material:

- um escultor que recorta, corta, pule, lixa a madeira, o mármore para fazer um barco em madeira ou uma Pietá em mármore;
- uma dançarina que modela e mobiliza seu corpo para executar uma coreografia;
- um escritor que reúne as palavras em frases e em capítulos para produzir um romance.

O material poderá ser mais ou menos concreto (a pedra), tangível (os sons), imaterial (as idéias). O corpo, ele mesmo poderá ser a matéria, a ferramenta (ele é o protótipo de todas as ferramentas) e também é o produto: o corpo figurado e transfigurado do dançarino.

Um método de análise

O caminho da objetivação resulta em um método que responde primeiro sobre o quê da atividade, sua forma própria e suas características principais. O método não se baseia sobre o que já é conhecido, ele permite organizar o conhecimento. Ele não se refere a um ou outro tipo de atividade, ele deve antes dar conta de todas as atividades possíveis, da tradicional à contemporânea, cada uma segundo seus traços distintos, por onde será possível classificá-las, situá-las em um conjunto.

O método da "table rase" então, que não parte do já conhecido, aquele que procura apenas confirmar e não tende senão a reduplicar. O já conhecido impede de ver, de ver o que temos sob os olhos (coisa particularmente evidente, por exemplo, por ocasião da aplicação dos métodos projetivos). Em um açougue ou numa sapataria, existe um saber ordinário, banal. Entrando nessas oficinas se observam diferentes utensílios, máquinas e equipamentos que dão idéia do que se trata, o que se opera nesses lugares e quais são os resultados. Pode-se observar diferentes operações. Procedimentos que em cadeia levam aos produtos finais: carne e derivados comestíveis e couro para calçados. No desenvolvimento destas operações se desvenda uma lógica, que podem se reagrupar por etapas que se encadeiam até o produto final.

A metodologia centra-se no campo operacional e na cadeia operacional sobre a qual juntam-se os determinantes geoclimáticos, técnicos, econômicos e socioculturais.

O campo operacional

O campo operacional é o lugar onde se desenvolve a atividade. Trata-se de um espaço neutro, não diferenciado ou polivalente, tal como uma praça pública, ou um espaço arrumado para atividades específicas como uma usina ou uma sala

de banho. Dentro deste espaço arrumado, existe uma organização de móveis e objetos que estão dispostos para um fim, observando uma lógica. Materiais, utensílios, instrumentos e máquinas, tendem a formar um todo coerente e que estabelecem uma interface. Uma relação entre o espaço em si e seu exterior, para o acesso de pessoas e de informações.

A análise do campo que traz sobre os materiais, utensílios, máquinas e suas disposições pode fazer apelo de saber já constituído, seja de aquisições da etnologia, abarcando os materiais e utensílios (LEROIS-GOURHAM, 1971), da tecnologia (descrição dos objetos técnicos e filosofia da técnica distinta da tecnociência) da ergonomia para a disposição racional dos equipamentos.

Questões relacionadas ao campo

A aplicação do método para diferentes formas de atividade leva a falar de uma problemática do campo que abrange, entre outras coisas, o estatuto dos materiais e do fechamento do campo em si mesmo. O material entendido como matéria modificada, transformada, fabricada, não se encontra em todas as atividades. Os materiais básicos, sobretudo os necessários, que são a água e o sabão, o combustível do carro não estão sendo levados em consideração. Quando se fala em materiais em uma definição de atividade não se trata necessariamente do material concreto. Pode-se entendê-la no sentido do material para, mas como matéria a ser processada (o material da atividade de um advogado é também, o conflito). A presença ou não do material nos permite fazer uma distinção clara entre as atividades de transformação e as atividades de uso, e o uso das coisas disponíveis na vida cotidiana. O vestir-se, não se resume à fabricação de roupas, como o ciclismo não se resume à fabricação de bicicletas. Assim evocamos as noções de valor de troca, valor de uso ligados à esfera pública e privada das atividades econômicas. Todas as atividades de transformação não são sempre da esfera pública (economia de mercado) elas ainda encontram-se, felizmente, no privado, onde se produz, se fazem coisas, quando pouco se cozinha ou se faz a jardinagem... É que o fazer

tudo pré- feito, pronta entrega, pronta a comer, a beber – filmes, cassetes, discos e disquetes.

Certas atividades são fundamentais para se entender o campo e suas barreiras. Se geralmente o campo operatório corresponde ao espaço do gesto (Moles e Rohmer, 1972); o que é então, o campo operatório de um veículo, para o ciclista sobre sua bicicleta, para o automobilista no seu carro? É preciso distinguir o campo imediato do operador onde a ação tem, por assim dizer, uma finalidade I , do campo mais amplo da máquina operada, para a finalidade II? Outro exemplo ainda mais marcante: o operador na sala de controle aéreo que faz um determinado gesto, gira uma alavanca, encaminha um sinal. Através do dispositivo dos quadros, botões, alavancas, bem tangíveis, diretamente acessíveis e não podemos ver facilmente os efeitos, efeitos de porte consideráveis. Existe um de dentro e um de fora sem que exista uma medida comum.

Esta particularidade do campo com um primeiro círculo imediato e um segundo mais vasto, encaminha à análise do conteúdo. O primeiro círculo, o do espaço do gesto, é a dominância motora e cognitiva das ações que tendem a passar abaixo do nível consciente. Enquanto o segundo círculo, de dimensão puramente cognitiva, é necessariamente de nível consciente . Diz-se, além disso, que o objetivo, além do efeito da reeducação, será de reinstaurar a atividade corrente por novas aprendizagens, fazendo-a passar às orlas da consciência , de sorte que, o que o menor gesto tem de penoso venha a ser atenuado.

A cadeia operatória

A cadeia operatória é o desenvolvimento das operações, a sucessão das etapas da atividade. Precisar, dentro da ordem, as diferentes etapas e distinguir os elementos próprios, é a base da análise que deve primeiro responder à questão: de que se trata?

As etapas são os estados sucessivos de um processo. De maneira figurada, são os momentos de um percurso obrigatório, ou os lugares por onde se passa para executar a atividade; que são descritos em termos de tempo ou de espaço (encaminhamento, percurso, seqüência). Elas se encaminham para um objetivo, sendo ordenadas

e vetorizadas.

As operações são ações com finalidades próprias. Elas são as unidades de ação significantes constitutivas das etapas. De imediato, a ordem do agir (serrar, aplainar, pregar) responde ao **como** da atividade. Cada etapa conta com um número de operações, que, certamente, podem ser reprisadas de uma etapa à outra. Acontece também, de uma etapa se limitar a uma só operação, por exemplo a cardadura na preparação da lã.

De maneira esquemática, toda atividade poderia compreender três etapas: a preparação, a execução, a conclusão. Esse recorte arbitrário permite discutir os limites da cadeia. Quando a atividade começa e quando ele termina? A preparação e a conclusão constituem as etapas, tanto que, elas não se aplicam indiferentemente a um número indeterminado de atividades, assim como compreendem o fazer as operações próprias. É o caso, digamos, da limpeza dos pincéis para a pintura à óleo. Um esquema de cadeia em três tempos não pode estar explícito antes de ter identificado as operações. Se se compara, por exemplo, a grande faxina ao penteado, teremos:

Grande faxina: (1) desocupar os cômodos , (2) limpar, reparar, (3) colocar de novo no lugar .

Penteado: (1) escolher o modelo, (2) molhar, modelar e secar os cabelos, (3) limpar com precaução se existir lugar, ordenar, arrumar.

Há o realizar aqui as atividades de uso onde não existe mais o material trabalhado (a não ser o cabelo, na arte do penteado), o que é diferente das atividades de transformação cujas etapas obedecem a um recorte estrito. As atividades tradicionais são um bom exemplo. É bastante fácil de se remunerar as etapas, por exemplo, da olaria, da marcenaria ou da tecelagem (preparação dos fios, montagem, tecer, cortar e desmontar), mesmo se sem esquecem os termos técnicos. As atividades tradicionais têm certamente um valor metodológico. Os materiais se encontram em estado bruto (terra, madeira, couros, fio, metal), as ferramentas são fixadas na perfeição de suas formas (a navete, o martelo ou a enxada não podem ser melhorados), as operações põem em evidência o encontro das ferramentas e materiais com ou sem choques ou batidas, as etapas conduzem certamente, para o produto final.

Noção de Estrutura

Para que exista a idéia de estrutura, esta deverá estar ligada à ordem das etapas. A atividade será dita estruturada ou não conforme esta ordem esteja mais ou menos presente. A estrutura, a qual é aqui questão, aborda o desenvolvimento de uma atividade e não as suas exigências ou implicações, aquelas que compreendem a análise do conteúdo. A estrutura não é complementarmente simétrica, como a cognição está para a imaginação e a inteligência para a sensibilidade. Esta imposição poderá crescer à medida que avançamos nos passos, nas etapas da atividade. Na fabricação de um bolo, por exemplo, é impossível se retroceder. Quando já no meio só da para ir para a etapa do assar, que fecha o processo. A mistura está, então, fixada, não podemos retorná-la, o sólido plástico da massa tornou-se sólido estável. Só os alquimistas sonham com o “descozinhar”...

A análise pode liberar diferentes modelos de estrutura notadamente a estrutura em tríade, já mencionada (preparação - execução - conclusão), que poderia provir do modelo lingüístico, no qual as etapas correspondem à ordem lógica dos elementos de uma frase - sujeito, verbo e complemento (dimensão sintagmática), enquanto as variantes possíveis no seio de cada etapa correspondem às diversas substituições desses elementos (dimensão paradigmática). Isto permite comparações entre diferentes atividades no que se refere ao número e à ordem das etapas (dimensão sintagmática) como para o exemplo da grande faxina e do penteado. O modelo pode também mostrar as variantes no curso de uma mesma atividade ou seja, por uma determinada etapa, de operações diversas, cujo efeito é semelhante, como por exemplo: serrar, rachar, aplainar ou raspar no trabalho da madeira (dimensão paradigmática).

Insistir sobre as relações, operações e etapas, etapas e estrutura, não é supérfluo. Essas noções, diretamente ligadas à coerência e a progressão da atividade, vêm esclarecer a dinâmica que se encontra na base da intervenção da terapia ocupacional. O que é se entregar a uma atividade que podemos qualificar de humana, seja nos bordados, no vôo livre, na cultura hidropônica ou nas palavras cruzadas, se não se engajar em um processo simples ou complexo que vai ao encontro de alguma coisa que tende à sua realização? E é necessário que a Terapia Ocupacional se torne um reservatório da atividade humana? Pode-se

questionar face à invasão da lógica das máquinas, da automatização produtivista, da racionalidade gestonária que invadem nosso dia-a-dia.

Os meios de produção automatizada de hoje em dia ao contrário das atividades tradicionais, tendem a apagar os caracteres distintivos da atividade, no sentido de que não existe mais reservas de materiais, só a produção em fluxo. Não existem mais etapas e na extremidade dessa cadeia poderá resultar não importa o que. Sem estoque no início, sem depósito no final, tudo é vendido com antecipação, distribuído nessa medida. Há um fazer aqui de cadeia em cadeias que se confinam umas as outras, onde tudo se transforma, se troca, se recicla, um vasto intestino que circunda o globo graças à mundialização da mercadoria. Estas cadeias obedecem à lógica das máquinas informatizadas. As etapas da atividade desaparecem, só existem então, tarefas, mais precisamente unidades de ações mínimas. A operacionalização tende a fragmentar as operações tais quais realizadas pelo humano. O robô decididamente, corta mais fino...

Noção de conteúdo

O campo operatório e a cadeia operatória, com sua nítida delimitação e a identificação exaustiva dos elementos que se interligam, vão facilitar a análise de conteúdo. Podemos chamar *conteúdo*, as implicações e exigências da atividade e seus efeitos sobre o sujeito. Um sujeito, ainda abstrato, visto como receptáculo possível das incidências da atividade: exigências motoras, sensoriais, cognitivas, afetivas, relacionais (estas dimensões são conhecidas), efeitos de estimulação, descontração, valorização etc. Se podemos descrever, sempre num andamento de objetivação, certos efeitos de uma certa atividade, estes vão depender da resposta do sujeito. Aqui se faz a junção entre o objetivo e o subjetivo, o que é a atividade, o que ela traz e como podemos nos empenhar. E é neste ponto de junção que poderão ser destacadas as contribuições terapêuticas da atividade ainda concebidas para sujeitos apresentando diversos tipos de problemas e não para pacientes.

Os determinantes da atividade

A análise dos componentes recai sobre os fatores objetivos da atividade, projetando os fatores

subjetivos, notadamente o afetivo para a análise de conteúdo, e, não levando em conta as condições que tornam as atividades possíveis. Falar do possível da atividade, é colocar em contexto, englobando lugar e clima, os meios materiais, o sistema de mutação, a organização social, as representações e experiências de uma cultura, de seus usos e seus valores.

Englobando o espaço geográfico e humano onde o sujeito agindo é compreendido, inserido no coletivo, onde o sujeito e suas obras são parte de um tempo e de um lugar e onde as realizações coletivas são elas mesmas situadas e datadas. Isto que inclui o sistema dos tratamentos de saúde, onde a terapia ocupacional é um componente, sistema que é de uma época, que reflete uma visão do mundo. É o que se pode chamar de um olhar antropológico.

Fatores geoclimáticos

Os fatores geoclimáticos, técnicos, econômicos e socioculturais que determinam a atividade são interligados, eles fundam o sistema. Saber que a vela precisa de vento, assim como para a pipa, e que as plantas precisam de luz, não é suficiente. Falta entender como, por exemplo, as condições rigorosas do Grande Norte exigem técnicas particulares, dentro de uma economia estreitamente ligada aos recursos limitados do meio, como os conhecimentos culturais, usos e representações, ritos e mitos, vão de certa forma lubrificar o funcionamento do conjunto e dar-lhe um sentido.

Aspecto Técnico

Se o aspecto geoclimático parece evidente, o aspecto técnico não é tão simples. Primeiramente, uma questão de linguagem: a técnica pode significar procura do efeito eficaz dentro da ação (o que inclui até o trabalho), ela reenvia ao conjunto das ferramentas colocadas entre o homem e seu meio, enquanto a tecnologia, em seu sentido mais comum, é a ciência colocada a serviço da técnica e, no sentido literal, a filosofia da técnica. A técnica, em relação a atividade, compreende os meios de ações. Esses meios vão do corpo em si até as máquinas "inteligentes": ferramentas, máquinas, aparelhos e conjuntos de máquinas, é o mundo colocado ao

alcance da mão, o mundo dos utensílios. Aos meios de ação, podem também, se acrescentar o know-how.

Considerar o aspecto técnico permite a identificação de níveis, de acordo com uma classificação cômoda, ainda que discutível, a das atividades da automanutenção, fixadas desde a origem do mundo e adquiridas desde a juventude. Aqui o sujeito não pode se entregar a outros, nem a máquinas para se lavar, se vestir e se possível, para se fritar um ovo! As atividades domésticas são de nível artesanal, se bem que elas tendem a ser infiltradas pela lógica produtivista por dentro, por máquinas tão eficazes como complexas, e por fora, pelos novos servidores que são os serviços. Contudo, a casa pode continuar sendo um pequeno domínio mais ou menos preservado, onde os habitantes podem encontrar o que fazer. As atividades de produção têm seus custos, suas complexidades, suas justificações. Ela são interligadas à técnica, à econômica, ao sociocultural, e elas têm repercussão sobre o tratamento de terapia ocupacional. Sem renunciar aos equipamentos, os mais sofisticados, por mais que sejam úteis, é necessário saber utilizar os meios que se encontram ao nosso alcance, se não nos tornamos inaptos para trabalhar em outro local que não seja em nossa sociedade tecnológica, chamada avançada, mesmo trabalhando em suas margens, com nossos esquimós, por exemplo. O que iria contra uma certa tradição da terapia ocupacional que sabe tirar partido quando se apresenta a condição de fazer fogueira com toda madeira.

Existe aí, uma economia dos meios, uma opção para a simplicidade no desembaraço que poderia se definir "ética da bricolagem" (saber se virar), coisa que não deve ser publicada quando se sabe que o que não custa caro, não tem valor.

Aspecto econômico

Do econômico, as noções de base são conhecidas: atividades de produção do setor público (economia de mercado), tendo valor de câmbio, e atividades de reprodução do setor privado, tendo valor de uso, (nascimento e educação das crianças, trabalhos domésticos e pequenas produções a caráter artesanal, o todo não tendo valor monetário). Sobre isso, pode-se acrescentar o valor de signo ligado ao consumo ostentoso, consumo para aparência e consumo da

aparência, da embalagem, da imagem do objeto, das imagens - objetos (BEAUDRILLARD, 1972). Na prática da terapia ocupacional a questão é de economia no custo das atividades realizadas e na gestão de um serviço, porém, mais ampla e de forma mais urgente, a questão econômica no que tange ao valor das atividades, esta no sentido da reintegração ao trabalho. Preparar o paciente a retornar ao trabalho teria sentido quando o trabalho não tem mais sentido? Enorme é a questão do trabalho: raridade, desvalorização, desqualificação, defasagem crescente entre o alto e o baixo da gama dos empregos, precariedade, serviços ocultos. A automatização dos meios de produção, com potencialidade em crescimento, tende a aumentar o desemprego (trabalhadores em número excedente) ou, pelo menos, a diminuir as horas de trabalho conseqüentemente disponíveis, trabalhos divididos, os empregos de meio expediente, ou possivelmente uma simples prestação de serviço por cada trabalhador, à sua conveniência, e após entendimento com o empregador. Assim, as carreiras serão certamente outras, o tempo livre poderá aparecer como o essencial da vida ativa, abrindo espaço necessário às atividades autônomas (GORG, 1988). Mas o que fazer de todo este tempo? Eis a pergunta. Como ficar livre com todo este tempo livre?

Fatores Socioculturais

O sociocultural é uma noção envolvente tocante ao coletivo: o *social*, propriamente dito, tipo de sociedade (liberal industrial ou pós-industrial para a nossa), organização social (divisão dos poderes e função) e regras de funcionamento inscritas nas leis (instituições), e o cultural com suas regras de conformidade transmitidas através do exemplo, o cultural que toca aos usos e às representações, o que cada cultura em si manifesta em suas obras e os valores de civilização às quais ela adere.

Assim, não tem atividade que não seja modelada pela cultura e cada atividade deve encontrar sua justificação cultural. Uma mesma atividade não é aceita da mesma maneira de um meio cultural à outro e de uma subcultura à outra (subcultura de grupos, os adolescentes por exemplo, subcultura familiar religiosa, profissional).

O terapeuta ocupacional deve se adaptar à cultura do paciente (Krefting, 1991), ele deve se aculturar de certa maneira para uma ação, uma intervenção mais eficaz que terá em retorno efeitos aculturantes. Entender melhor, por exemplo, os pacientes da subcultura italiana de Montreal, conduz a uma melhor integração destes ao meio cultural norte-americano. Porém, nossa própria cultura estando em evolução, suas manifestações pelo menos estando flutuantes, o terapeuta ocupacional deverá escolher atividades levando esse aspecto em consideração. O que não o impedirá de recuo face à sua própria cultura, que não é a única cultura, nem válida para todos, além de que, parece que estamos indo em direção a uma diferenciação cada vez mais marcada (retorno dos nacionalismos, reativações dos fundos culturais antigos, retomados no contexto contemporâneo: o retorno ao mundo céltico, o avanço de nossos nativos). À mundialização da cultura, americana no momento, responderia uma diversificação generalizada.

Uniformização e singularização, as duas tendências ao mesmo tempo (cavaquinho com a guitarra elétrica, o banjo com o violão, a flauta dos Andes com a bateria de Jazz): amanhã nós seremos todos mestiços.

A passagem para a terapia

Em terapia, o estatuto da atividade se coloca em primeiro lugar, em termos de finalidade e de especificidade. As atividades às quais o terapeuta ocupacional tem como recurso, não são em si mesmo terapêuticas. Tratando-se de artesanal, de jogos ou de lazer, essas atividades já existem. Elas pertencem ao lote comum, elas procedem de uma habilidade profissional comum ou de uma habilidade profissional mais ou menos especializada. Elas são incluídas dentro de uma ou outra área de atividade humana. Isto, fora de suas contribuições possíveis à terapia.

A atividade utilizada em terapia conserva sua coerência, no sentido em que se pode ainda identificá-la, e ela não perde sua finalidade, no sentido de que, por exemplo, trabalhar com marcenaria é produzir objetos de madeira. Pode-se ainda, sustentar que a visão terapêutica deixara em suspenso a primeira finalidade, reporta-a. A terapia introduz uma segunda finalidade e transitória. Falar sobre

essas atividades com meta terapêutica, não traz dificuldades. Trata-se então de explorar os efeitos sobre o agente, o sujeito da terapia, da atividade em seu desenvolvimento ou pela sua conclusão. A reaprendizagem da escrita poderá ser efetuada de forma gradual, a partir de recortes por frases, as quais serão esquecidas, passarão ao infraconsciente, quando o sujeito escreverá de novo espontaneamente (primeira finalidade dessa atividade), como cantar uma ária sem precisar lembrar-se das notas. Mas podemos falar, sobre uma tal situação, de escritura terapêutica?

O terapeuta ocupacional, certamente não se identifica com as atividades que ele contribui para o seu andamento. Ele não é o terapeuta do couro, da cerâmica ou do vime. Ele se separa das formas de terapia tais como a arte ou a música-terapia. Ele não responde como detentor de uma terapia de meio específico, que supõe o domínio deste meio, ainda que este último, continue ambíguo por sua procedência, não sendo nitidamente diferenciado (o que é a pintura, a música terapêutica?), o que não é o caso da cirurgia, por exemplo, destacada outrora, da profissão de barbeiro-cirurgião!

Falar de atividades com finalidades terapêuticas, é falar claro. Se insistimos em falar de atividades terapêuticas, temos de entender no sentido de um **construído**, de uma organização. O perigo aqui, seria de esquecer sobre o que construímos, ou seja, as atividades bem caracterizadas e situadas dentro de um espaço e de um tempo (“o topo-tecnológico-econômico-sociocultural”).

A meta geral do tratamento da terapia ocupacional que consiste em tornar “apto a” ou tornar de novo “apto a” exige uma organização da atividade. Organização por recortes, gradação, processos de facilitação. Balizagem de um percurso que o paciente não é, ou não é mais capaz de realizar sem balizas. Tornar apto a fazer, é despertar as potencialidades (Étienne, 1991), tornar apto a fazer, é atualizar um poder-fazer. Este poder-fazer, conforme o caso, é ligado a uma fase de reconstituição, do condicionamento do equipamento biológico, da retirada dos primeiros obstáculos, ou seja o **curativo**, seguido de uma fase de retomada da atividade, de reconquista das áreas de vida, ou seja o **integrativo**.

A análise do campo e da cadeia permite

abraçar de uma só vez os diferentes pontos onde existe organização possível, indo a partir da disposição dos locais, até as operações e etapas. A isso, vai corresponder a análise de conteúdo. E é este conjunto de fatos que poderá ser levado em consideração colocando-se desta vez, do lado do sujeito, o **quem** da atividade que interessa ao terapeuta ocupacional em primeiro lugar, ou seja, o paciente. Qual o percurso que teremos de lhe preparar e através de quais atividades e sob quais condições.

Um olhar sobre a terapia ocupacional, tal qual ela é apresentada no decorrer dos anos, leva ao destaque de três dimensões, três tendências, podendo ser consideradas, como três tempos mais ou menos situados historicamente:

- o curativo- levantar os primeiros obstáculos (cura não no sentido de cura a longo prazo, mas, do que é necessário de se iniciar em primeiro. Limpar um ferimento como limpar uma fonte) em terapia ocupacional, como se diz, dar novamente a função, o que fez da terapia ocupacional uma espécie de subfisioterapia;
- o integrativo- favorecer o retorno do paciente à sua vida do dia-a-dia em seu meio habitual, essa tendência que podemos qualificar hoje de ecológica, poderia fazer da terapia ocupacional uma espécie de sócio-educador;
- o suplementar- contribuições de ajudas técnicas e outras substituições, adaptações que tenderiam a fazer do terapeuta ocupacional um tipo de engenheiro, engenheiro da diferença.

Essas três dimensões continuam ligadas na intervenção da terapia ocupacional e é pela atividade que elas se confluem. No curativo, a volta à atividade faz da terapia ocupacional uma terapia ativa, não ativando-se através de exercícios ou submetendo-se à ação de aparelhos, mas engajando-se em atividades que têm efeitos de mobilização e de reintegração. A atividade possui uma forma que indica a sua realização, uma “forma formante”. **A atividade é então, dinâmica e dinamizante (existe dinâmica intra-atividade e dinâmica inter-atividade: as atividades se chamam entre si)**. Não se toca impunemente em um bastão de golfe ou em uma pinça de filatelista sem se tornar fã: isso transborda, vibra. Se entregar à atividade é se expor, não é como tomar um remédio testado e aprovado. Essa dinâmica da atividade é

iniciada em condições particulares. A organização da atividade no quadro do tratamento constitui o que podemos chamar de uma situação de experiência controlada, com efeitos imediatos e efeitos a longo prazo. A situação de atividade modifica o que vem, ressoa sobre as condutas a vir. Ela pode constituir conhecimentos duráveis aos quais o sujeito adere. Ela adquire então, valor educativo. O aspecto integrativo da intervenção interessa ao paciente em seu modo de vida, seus hábitos, seus interesses, seus valores, como às suas práticas, práticas tornadas possíveis ou facilitadas, organizando os locais ou adaptando os objetos. Aqui, o suplementar encontra lugar: ajudas técnicas, adjuvantes mecânicos ou eletro-mecânicos diversos.

O terapeuta ocupacional deve significar, todavia, crítico face ao mundo da tecnologia. Não se pode começar do zero com o computador, o computador que faz tudo, o computador tornou-se equivalente geral de toda atividade (como o dinheiro é o equivalente geral de todo bem). O robô pode ser também uma miragem. Que se faça tudo através da máquina, que o robô faça tudo no lugar do paciente, por que não? Então por que tratar o paciente? Por que não refazê-lo de novo... por clonagem?

O sujeito deve permanecer agente de sua atividade. Deve-se preservar o fazer, quanto mais existir o fazer, mais razão de ser da Terapia Ocupacional. **Que a intervenção da Terapia Ocupacional passe pelo corpo, é da ordem da evidência.** Ela se destina a um ser que possui mãos (a espécie **homo** não parece querer se desfazer proximamente, de seus apêndices). Mas o que é ter mãos? O que é esta banalidade? Quem perdeu suas mãos ou quem não as tinha ao nascer, não está colocado, por isso, como tendo ou lidando com as condições manuais. Esta justamente aí o problema e a razão pela qual a terapia ocupacional pode intervir. Acontece que isto sempre seja levado ao limite, o mínimo equipamento motor e sensorial, ainda necessário, para continuar humano. O que resta do fazer, nesta extremidade, é pelo menos o sentido. A operação mental não se pode manifestar somente por intermédio de imagens ao chamar as palavras. É com a imagem das construções bem concretas externas que se pode construir na sua mente.

Conclusão

A pesquisa dos meios mais eficazes, do refinamento das ferramentas de análise, longe de impedir a reflexão, pode ordenar saídas inesperadas sobre o que está em jogo na atividade. **A noção da etapa aparece aqui particularmente significativa. A etapa como um dos estados de um processo, mais precisamente como um todo provisório de um grande todo em via de completude. A etapa é então, hierarquizada e temporizada. Envolvida no lance da meta perseguida e submetida ao constrangimento da ordem a seguir, a atividade encontra sua dinâmica. A etapa age como contraforça.**

O entalhamento das etapas, suas passagens sinuosas vão canalizar e conduzir para uma boa conclusão a força louca, o jato bruto do agir. Força e contraforça são os elementos constitutivos de toda dinâmica.

Fica a questão do sentido, por que esta atividade e não outra, esta atividade precisa, aqui, neste momento? É então que o terapeuta entra em ação, e ele deve saber julgar e guiar agindo em seu devido tempo. Sabendo que o sentido é o outro, o sentido provém do contexto, é o que leva, carrega, mostra, privilegia, valoriza a cultura ambiente. A terapia ocupacional não tem por missão assegurar uma saúde particular a cada um de seus pacientes.

Ela não pode conduzi-los fora da condição comum, de sorte que, se há uma saúde ela é a mesma para todos.

Resta a última questão do indivíduo e de sua margem de ação, se existe margem de ação, margem de ação ou autonomia, para empregar uma palavra possivelmente perigosa. **Se existe autonomia, ela deve poder se traduzir em uma atuação própria, que não procura justificação e necessita só de um pouco de espaço.**

Entre as atividades **do si próprio**, do cuidado que se deve (“**se** levantar, **se** lavar, **se** vestir”) e as atividades para os outros, entre o utilitário e o ganha-pão, seria necessário organizar um tempo para as atividades **para si**, àquelas destinadas para o prazer, para o sonho, para se manter vivo.

Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, J. Pour une critique de l'economie politique du signe, Gallimard, Paris, 1972
- ÉTIENNE, A L'activité en Amérique du Nort: évolution vers une sciencie de l'éducation, Journal d'Ergothérapie, Masson, Paris, 1991, 3,48-53.
- GORZ, A Métamorphose du travail quête du sens, Galilée, Paris, 1988
- KREFTING, L. The culture concept in the everyday practice of occupational therapy, The Quarterly Journal of Developmental Therapy, 1991, 4, 1-6
- LEROI-GOURHAN, A L'homme et la matière, Albin Michel, Paris, 1971.
- MOLES, A, ROHMER, E. Psychologie de l'espace, Casterman, Paris, 1972.